

## ENTREVISTA A SEBASTIÃO EDSON MACEDO

(publicada no site *Sobresites*, <http://www.sobresites.com/poesia/pucheu/index.htm>, em 2001)

### filosofia e poesia

1. Em sua obra, especialmente em 'Ecometria do Silêncio', poesia e prosa alcançam limites indiscerníveis. Poesia e filosofia também podem atingir essa indiscernibilidade sem perder suas características efetivas, qual sejam: discurso da impressão (poesia) e discurso da reflexão (filosofia), respectivamente? Nesse sentido, como se dá a relação entre poesia e filosofia em seu texto? Que experiências podem ser trocadas entre filosofia e poesia para a enriquecer o percurso de cada uma?

As dificuldades de se pensar a indiscernibilidade entre poesia e filosofia são muitas. Veja bem... em sua própria pergunta, já existe a preocupação de fazer com que poesia e filosofia não percam as "características efetivas" de cada uma, já existe uma predeterminação de que poesia é "discurso da impressão" e filosofia, "discurso da reflexão". Se não há perda daquilo que historicamente foi privilegiado como "características efetivas", não há indiscernibilidade, que só acontece com transformações e novas conquistas. Assim, quem está interessado na possibilidade de desguarnecer tais fronteiras, deve estar atento a pelo menos três perigos. O primeiro é o de uma das experiências subjugar a outra, controlando diversidades que poderiam estabelecer novas modalidades de pensamento, de vida. O segundo acontece quando, sob a pretensa máscara do respeito, se é excessivamente cordial e diplomático, fazendo com que cada uma das áreas não seja transformada ao se encontrar com sua companheira. Por último, há o risco de se privilegiar aspectos históricos que nos deixariam mais eruditos, porém à margem do empreendimento. Nunca querendo se solidificar em uma postura blindada, a indiscernibilidade está sempre em aberto, estimulando diferenças, edificando esbarros acolhedores de equivocidades... Ela é a voluntária da equivocidade — antes de ser um lugar, se constitui enquanto um não-lugar. Quem sabe as palavras conseguirão, assim, acariciar o corpo alheio, estimulando novos, móveis destinos!

2. Em Nietzsche e Heidegger temos uma passagem da filosofia para poesia, e vice-versa, exatamente quando uma das duas atinge supostos extremos de expressão. A linguagem é uma barreira ou uma ponte? Ela é transponível? Pensando em Drummond: 'José, para onde?'

O que é o *Assim Falou Zaratustra*, do Nietzsche? O que é o *Caminho do Campo*, do Heidegger? Poesia? Filosofia? Quando se atinge os "extremos de expressão", não há mais lugar para classificações, dicotomias, preguiças... O encantamento provocado pela palavra é tal que, tão logo começamos a falar, ou a escrever, ela entra num devir, metamorfoseando-se, supostamente, no que foi, no que é, no que será. Como a liberdade da letra é experimentar limites, ela, além de exercitar suas ventosas para tentar se agregar ao manifesto do real, cria o que nunca foi, nem é, nem poderá existir em sua ausência. Mesmo quando quer falar aquilo que já está dado no mundo (ou o que, outrora, já o fora, ou o que

ainda o será), tudo que encontra é a ausência do que queria dizer, falando, portanto, essa própria ausência, e mais nada; ausência feita da combinação de letras, da matéria robusta da palavra. Por isso, a linguagem, por fundamento e definição, é poética, mesmo nos momentos em que não a imaginávamos sendo. Não penso que a linguagem seja apenas uma barreira ou uma ponte. Penso que a linguagem seja o caminho, e, como caminho, barreiras e pontes também lhe são imanentes. Podemos fazer inúmeras coisas: só não podemos pular fora do caminho. Tudo, na vida, é um caminho. E, na morte, já não há caminhante. Para mim, não se trata de transpor a linguagem, mas de adentrá-la efetivamente, de aprender a caminhar na perdição. Nós é que devemos nos deixar transpor para onde já estamos: para a linguagem. E só nela, por ela, é que há silêncio: se Drummond, por exemplo, não tivesse escrito "José, para onde?", o silêncio ficaria reduzido.

3. Considerando-se a filosofia como uma disciplina em busca de verdades, quais são as buscas da poesia?

Não considero a filosofia nem como uma "disciplina" nem como algo "em busca de verdades", pelo menos como habitualmente se entende "disciplina" e "verdades". Entendo a filosofia e a poesia como o encontro com espantos, o esbarro com admirações. Já dizia Aristóteles: *Através da admiração, pois, tanto agora como desde a primeira vez, os homens começaram a filosofar (...). Mas aquele que admira e se encontra sem caminhos reconhece sua ignorância. Por conseguinte, o filósofo é, de certo modo, filósofo: pois o mito é composto do admirável, e com ele concorda e nele repousa. Assim, tó thaumázein, o espanto, a admiração, é a palavra de uma possível miscigenação entre o filosófico e o poético. O incrível é que essa frase tem a força de mudar toda uma tradição que, privilegiando a verdade, fez da dúvida e da pergunta a matéria do pensar.*

Réplica a): Então podemos pensar que a poesia não tem metafísica, que o exercício poético é um fim em si?

Eu me perguntaria se a própria *metafísica* não é mais uma das possibilidades poéticas... Boa parte do pensamento de Nietzsche e Heidegger é para mostrar que ela tem um nascimento, uma genealogia. Ainda que se possa discordar do momento de tal surgimento, seu princípio histórico me parece inquestionável. Na tentativa de superar a hegemonia do pensamento *metafísico*, ambos são radicalmente afetados pelos chamados "pensadores originários": Heráclito, Parmênides, Empédocles e Anaximandro, por exemplo. Além disso, a tragédia grega foi fundamental para Nietzsche, e Hölderlin, para Heidegger. Este novo encontro seria um dos propulsores de uma reviravolta do pensamento, desta vez explicitamente acolhedora da poesia. O poético deixa de ser um objeto de pesquisa da filosofia; trata-se, agora, de pensar poeticamente, e poetar de maneira pensante (...Schlegel e Novalis, dentre outros, haviam traçado um percurso nesta mesma direção...).

É claro que quando falo em "poesia" ou em "poética" não estou mencionando apenas o que se convencionou chamar de um gênero literário, mas uma dinâmica própria do ser humano de se posicionar no mundo respondendo ao constante aparecimento de tudo o que existe: a arte imita a natureza porque ela imita o incansável processo de criação que constitui a própria natureza, o incansável processo de criação que constitui a própria realidade. A palavra "poesia" vem de um verbo que significa: fazer aparecer o que não havia antes, de modo que, no próprio aparecer, ainda resguarde um campo de forças do não aparecimento;

pois é isso o poético: este processo de articulação entre ser, não-ser, linguagem e pessoa. Mas essa própria articulação já é uma criação de linguagem, já é fazer aparecer, já é poesia. Daí, a poética ser, antes de tudo, uma instauração cosmogônica.

Para completar a resposta a sua instigante pergunta, o poético não é um "fim em si", fechado e excluído do resto do mundo, mas, muito pelo contrário, um começo determinante e imanente ao próprio real, um caminho em que tudo está em contínuo fluxo de nascimento e abrindo possibilidades sempre novas. É próprio à poesia, portanto, uma interferência ativa, intensa, em nossas vidas e na complexa trama do real. Tanto quanto também lhe é própria a proximidade a uma incompletude: estamos sempre no meio do caminho. Poderia dizer ainda que o poético é uma errância permissiva de gerações, de construir o que, para ser habitado, tem de ser logo abandonado.

4. Em 'NA Cidade Aberta: Escritos' você desenvolve alguns temas do F. Pessoa poeta-filósofo. Quando o desenvolvimeto de temas poéticos e filosóficos de outros autores não deve ser confundida com a diluição a que Pound se refere?

Não vejo temas do Fernando Pessoa em *Na Cidade Aberta: Escritos*. A marca que esses poetas gigantesco deixaram em mim, parece-me, se presente, em outro lugar, por outro viés. Há diluição quando um poeta não consegue chegar a sua diferença, quando não consegue estabelecer sua singularidade, quando aceita ser apenas um clone e, pior ainda, inferior ao original.

### **psicologia da composição**

7. João Cabral não acreditava em inspiração. Sua poesia é feita de inspiração, mediunidade ou trabalho continuado? Como vê esta questão e como é seu processo de composição?

A recusa veemente de Cabral pela inspiração me parece mais uma tática combativa do que qualquer outra coisa. Em geral, as pessoas pensam a inspiração como oposta ao trabalho. Não vejo dicotomia alguma entre essas duas experiências: elas estão na encruzilhada de um mesmo caminho, dando-se conjuntamente. Ainda que fazendo o esforço para tratá-las separadamente, penso até que, começado o poema, em muitos casos, o tempo que trabalhamos nele (ou que ele trabalha em nós) pode acabar por resolvê-lo. Minha própria vivência, entretanto, mostra que o começo da escrita de um poema é incontrolável. Para começar um poema, a gente pode ter uma idéia, uma sensação, umas palavras, um campo de pensamento no qual nos movemos, o que for... mas o momento em que isso se transforma de possibilidade em acontecimento, é imprevisível, incontrolável. Não fosse assim, todos os poetas fariam inúmeros poemas ao longo do dia, dos meses, dos anos; não fosse assim, todos os poetas só fariam grandes poemas; não fosse assim, ou seja, se poesia fosse apenas trabalho, eu já teria escrito 100 poemas sujos, 100 cães sem plumas, 100 nudezas, 100 livros do desassossego...

10. O poeta nasce ou torna-se? Ser poeta é uma necessidade ou uma assumidade? O poeta escreve o que deseja ou o que pode?

Quanto à primeira pergunta, nada melhor do que um verso de Píndaro, que diz: "Venha a ser o que tu és". Mais uma vez, o pensamento poético ultrapassa dualidades, apagando dicotomias, criando enigmas.

Às duas outras, gostaria de responder com um poema de meu último livro, *A Vida É Assim* (publicado pela Azougue Editorial). Antes disso, salientaria apenas que o que vale para a poesia e para a vida é o mesmo, já que ambas são indissociáveis:

### **DE PRÊMIOS, ARMADILHAS E OUTRAS COISAS, Nº 2**

E não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida, largar o emprego medonho,  
realizar o antigo sonho  
de ser o que se acredita ser,  
achando resolvido todo e qualquer problema. Não,  
não adianta: não somos a solução embolsada,  
mas isso de que jamais escapamos  
na busca do impossível horizonte. Somos a vida  
estendida entre o chão e o abismo,  
as variações aleatórias que ela mesma, a vida,  
nos distribui em prêmios e armadilhas, a velocidade com a qual, aturdidos, nunca  
nos acostumamos.

Não, não adianta pensar em se entregar ainda mais à vida  
supondo baixo o preço a ser pago,  
mas de receber o que nos é a nossa revelia.  
Desconhecemos a salvação. Acabamos  
nos lançando, sim, a uma intensidade maior,  
e, desprotegidos, sob o risco constante  
de *você só tornará as coisas piores*,  
sob o risco constante do malogro,  
não vivemos da melhor maneira: mas da maneira possível.

#### **curtas e rápidas**

15. Quais são os poetas contemporâneos que admira?

Ferreira Gullar, Manoel de Barros, Leonardo Fróes e Fernando Ferreira de Loanda, por exemplo, entre os que têm um percurso estabelecido, apesar de ainda poderem nos dar livros maravilhosos. Entre os que estão criando o próprio caminho, Caio Meira, Antonio Cicero, Cláudia Roquette-Pinto e Sérgio Nazar Davi, para citar alguns.

16. O que de poesia está lendo atualmente?

Estou lendo uns poetas portugueses incríveis que trouxe de uma viagem feita no começo do ano com Bianca, minha mulher, ao Marrocos, passando antes e depois por Lisboa. Há o António Franco Alexandre, que lançou recentemente *Quatro Caprichos*, seu último livro até o momento: é das boas coisas que tenho lido. Há o Alberto Pimenta, com livros

inteligentes, sarcásticos, anárquicos e cuidados, como *As moscas de Pégaso* e *Discurso sobre o filho-da-puta seguido do discurso sobre o filho-de-deus*, por exemplo. Este poeta vem desenvolvendo um trabalho muito interessante também na área de poesia performática. Há o Jorge de Souza Braga, com sua obra reunida intitulada *O poeta nu*, com um humor lírico digamos que parecido com o de Manoel de Barros, ainda que sua escrita seja inteiramente diferente da do nosso poeta. Há também a Adília Lopes, outra poeta portuguesa que venho começando a descobrir com interesse. Portugal, com esse time, está muito bem representado no mundo contemporâneo.

Além desses autores, leio a poesia completa do Tahar Ben-Jelloun, que trouxe do Marrocos, e outros escritores marroquinos, como o excelente Mohamed Choukri.

17. Que leituras considera de formação para o jovem poeta?

São tantos livros, tantas possibilidades, que entendo não haver uma lista de leituras verdadeiramente obrigatória. O jovem poeta tem de descobrir seu caminho, suas afinidades, os livros que o ajudam viver. Entregando-se com sinceridade e por necessidade, ele acaba encontrando os escritos de que precisa. Sartre, em *A Náusea*, tem um personagem incrível chamado o Autodidata. Como muitos eruditos, ele é aquele que vai para a biblioteca e começa a ler todos os livros em ordem alfabética, pouco importando sua relação com o que está lendo, pouco importando se as palavras o afetam em intensidades ou não, pouco importando se ele é transformado de alguma maneira ou permanece apático. Uma lista de formação pode levar a crer que só se é poeta depois de se ler tais e tais livros, como se só pudesse pensar depois de concluir uma faculdade de filosofia, o que, evidentemente, é um absurdo. Uma lista dessas, em geral, visa uma formação obrigatória, mas a poesia tem de estar primeiramente comprometida com uma certa sensação de desobrigação, de deformação e de liberdade.